



**II CONPESQ**  
**Congresso de Pesquisa,**  
**Pós-Graduação e Inovação**

Os novos rumos da ciência pós-pandemia

12 a 16 de abril de 2021 Universidade Federal do Cariri - UFCA

**AS MULHERES NA FILOSOFIA: UMA ANÁLISE DO PPC  
DO CURSO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO CARIRI**

**Fernanda Jayne Antas da Silva<sup>1</sup>**

Graduanda em Biblioteconomia  
Universidade Federal do Cariri  
Bolsista PIBIC

[fernandajay1@gmail.com](mailto:fernandajay1@gmail.com)

**Ana Paula da Costa<sup>2</sup>**

Graduanda em Filosofia  
Universidade Federal do Cariri  
[apcostaw@gmail.com](mailto:apcostaw@gmail.com), bolsista do PIBIC

**Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira<sup>3</sup>**

Universidade Federal do Cariri  
[camila.prado@ufca.edu.br](mailto:camila.prado@ufca.edu.br), orientadora

**RESUMO:**

A qualquer pessoa que frequente cursos de Filosofia, é evidente a desigualdade numérica em relação a gênero e raça no cânone acadêmico. A presente pesquisa propõe uma análise do PPC do curso de licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Cariri, a fim de mapear quantitativamente o número de autores homens e autoras mulheres estudados na graduação da referida universidade, com o objetivo de sugerir mudanças nas ementas do curso e na forma de pensar a filosofia, dando visibilidade às mulheres filósofas e priorizando a interseccionalidade no tocante à raça. Fundamentamos nossa pesquisa em revisão bibliográfica sobre epistemicídio, feminismos e temas relacionados. No PPC analisado, apenas 10,15% das obras sugeridas nas bibliografias básicas das disciplinas obrigatórias são de autoria feminina e este é um sintoma de que as filósofas tiveram suas obras e suas ideias silenciadas ao longo da história. Esta pesquisa se faz necessária diante de uma problemática que atinge não só o cenário nacional, mas também internacional, e é por isto que este estudo não se esgota aqui, ele continua em andamento e pretende atingir o Ensino Médio e contribuir para uma mudança de postura que reconheça o potencial filosófico de forma igualitária para homens e mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filósofas; Ensino Superior; Matriz Curricular.

**ABSTRACT:** Anyone who attends Philosophy courses can see the numerical inequality in relation to gender and race in the academic canon. This research proposes an analysis of the Pedagogical Project of the Philosophy degree at the Federal University of Cariri, in order to quantitatively map the number of male and female authors studied in the undergraduate course of the referred university, with the objective of suggesting changes in the plans of the course and the way of thinking about philosophy, giving visibility to women philosophers and prioritizing intersectionality with respect to race. We base our research on a literature review on epistemicide, feminism and related topics. In the analyzed PPC, only 10.15% of the texts suggested in the basic bibliographies of required subjects are of female authorship and this is a symptom that women philosophers have had their works and their ideas silenced throughout history. This research is necessary in view of a problem that affects not only the national scene, but also international, and that is why this study does not end here, it is still in progress and aims to reach high school and contribute to a change in attitude that recognizes the philosophical potential on an equal basis for men and women.

**KEYWORDS:** Women Philosophers; University education; Curriculum.

## 1 INTRODUÇÃO

Não é novidade que o mundo apresenta uma significativa desigualdade na ocupação dos espaços e especialmente na valorização dos trabalhos de homens e mulheres. Segundo o IBGE de 2018, 60,9% dos cargos gerenciais (públicos ou privados) eram ocupados por homens, enquanto apenas 39,1% eram ocupados por mulheres. De que forma a história da filosofia contribuiu para este cenário atual? É de conhecimento que a civilização grega, considerada tradicionalmente o berço da filosofia ocidental, invisibilizou as pensadoras antigas, o que já era um reflexo histórico da incapacidade de reconhecer as mulheres como cidadãs, desde a Grécia antiga, onde lhes era vedado todo papel político.

A ausência feminina na História está relacionada a uma carência teórica ampla que se entende como reflexo de uma postura de colonização predominantemente machista, branca, europeia e heteronormativa, que também acaba por menosprezar outros grupos, como as pessoas negras e indígenas. Durante toda a história da filosofia ocidental, dos antigos aos contemporâneos, houve mulheres filósofas que, desafiando o patriarcado e as posições dominantes sobre seu gênero, estudaram, pensaram, escreveram, ensinaram e debateram (MÉNAGE, 2009). Sua ausência no cânone não é apenas signo do epistemicídio das mulheres ao longo da história, mas também a negação de sua potência.

Em uma pesquisa publicada em 2019, Carolina Araújo, professora da UFRJ, mostra que as mulheres são minoria na entrada dos cursos de graduação em Filosofia no Brasil, cerca de 36% dos ingressantes. São ainda menos entre os egressos, seu percentual vai diminuindo conforme se analisa o avançar da carreira (mestrado, doutorado) e chega a pouco mais de 20% entre os docentes de filosofia no Ensino Superior. Somos a área com

menos mestras e doutoras entre as Ciências Sociais Aplicadas, Exatas, Agrárias, da Saúde e, entre as Ciências Humanas, estamos à frente apenas da Teologia. O resultado mostra, então, que a desigualdade de gênero na carreira profissional de filosofia é uma questão a ser enfrentada (ARAÚJO, 2019). Somos muito menos filósofas do que filósofos no Brasil. Precisamos entender o porquê. Esta investigação vem sendo realizada e algumas hipóteses vêm sendo levantadas.

Uma das hipóteses levantadas como causa da diferença entre o número de mulheres e homens na filosofia é a invisibilização das mulheres no ensino da Filosofia no Brasil. Quantas autoras são estudadas e pesquisadas na universidade? Como os autores do cânone filosófico referem-se às mulheres? De que maneira a história da filosofia ensinada silencia as questões de opressão de gênero e raça, promovendo a manutenção do pensamento patriarcal colonizador? Como uma estudante de filosofia se identifica com o que está sendo ensinado, se os espaços lhe são negados? Silenciar sobre este cenário de desigualdade só reforça que ela permaneça, e até aumente, excluindo as mulheres dos ambientes acadêmicos ou dificultando suas participações.

A presente pesquisa se dedica a produzir um diagnóstico sobre a desigualdade de gênero no ensino de filosofia no Cariri e a resgatar as figuras femininas que foram negligenciadas ao longo da história da filosofia, dando espaço e reconhecimento, a fim de propor referências teóricas mais amplas para o PPC, diante da necessidade de superação do desequilíbrio de gênero acrescido ao de raça no ensino da filosofia, construindo e propondo alternativas viáveis de serem implementadas a curto e médio prazo.

Através da análise do PPC do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Cariri, localizada em Juazeiro do Norte/CE, pretendemos propor a ampliação dos olhares acerca da figura feminina, incluindo pensadoras nos planos de estudo, nas discussões em sala de aula, na observância da linha tênue que separa academia e vida social das mulheres. Pretendemos, ainda, em diálogo com outras pesquisas realizadas no Brasil, produzir transformações inovadoras no cenário educacional e filosófico local, através de propostas de transformações curriculares, de seleção de material didático, de publicação e debates sobre a pesquisa realizada.

A intenção é abrir o campo de visão dos estudantes universitários, de forma a mostrar que houve (e ainda há) mulheres brilhantes, que criaram e sustentaram teorias e que dialogavam tão bem quanto expoentes masculinos, que reconhecemos tradicionalmente. Propor alternativas de superação, criando um banco de autoras, obras, traduções, trechos selecionados, propondo atividades, debates, conferências e materiais para futuras pesquisas mais aprofundadas.

A filosofia, sendo uma área do conhecimento que se ocupa primordialmente do

aprofundamento do pensamento, sua fundamentação e autonomia, precisa estar acessível a todas e todos, como um direito social. Entendemos que a pouca presença feminina no ensino da filosofia, seja por sexismo ou simples hábito, precisa e deve ser estudada, compreendida e ampliada.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa, que se caracteriza como uma Pesquisa-Ação, realiza-se em três atividades principais: 1. Revisão bibliográfica, através de seleção, leitura e discussão de obras sobre desigualdade de gênero e interseccionalidade no ensino de Filosofia, para fundamentar a pesquisa; 2. Análise da presença das mulheres (e mulheres não-brancas) no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Cariri, através de mapeamento quantitativo de: a) Quantas ementas discutem a questão do gênero na Filosofia; b) Quantas disciplinas têm conceitos e obras de autoras mulheres (e mulheres não-brancas) como centro da discussão; c) Quantas autoras mulheres (e mulheres não-brancas) estão presentes nas bibliografias básicas e secundárias das disciplinas de história da filosofia; d) Quantas autoras mulheres (e mulheres não-brancas) estão presentes nas bibliografias básicas e secundárias das disciplinas obrigatórias de áreas fundamentais da filosofia (metafísica, ética, política, estética, lógica...); além disso, como resultado da conjugação dos dois procedimentos anteriores, 3. Proposta de transformação no ensino de filosofia no Cariri, com acréscimo de referências bibliográficas, criação de disciplinas específicas e espaços de debate sobre a obra de filósofas.

## **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Como diz Nastassja Pugliese (2020), qualquer reconstrução narrativa sobre a história da filosofia que não leve em consideração as obras escritas por mulheres é uma história incompleta. Dessa forma, vivemos um longo período de negligências e não só, vivemos também um epistemicídio. O conceito de epistemicídio nos possibilita compreender as diversas formas de negação do outro como dispositivo de controle a respeito da produção do conhecimento. Segundo a filósofa Sueli Carneiro:

“[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc” (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Beauvoir (2000) termina *O Segundo Sexo* dizendo que a emancipação feminina se dará pela educação e pelo trabalho igualitários. Temos avançado nestes terrenos, chegando a ter maioria de mulheres no Ensino Superior no Brasil, mas apesar disso, tanto em termos de valorização salarial de profissionais, quanto em termos de presença feminina em algumas carreiras, ainda temos falhado. Na Filosofia, área do conhecimento eminentemente teórica e especulativa, em que o papel da tradição e da história do pensamento e de seus autores é fundamental, vemos o quadro de desigualdade de gênero passar pelas ementas e bibliografias de cursos, pelo que os autores estudados dizem sobre as mulheres (GASPAR, 2009) e, também, pela menor participação de mulheres entre os quadros docente e discente.

A Pesquisa da Anna Carolina Venturini (2017) constata que desde 2015 as mulheres eram maioria numérica nos cursos de graduação no Brasil, mas que esta vantagem numérica não é refletida no mercado de trabalho, que continua tendo maioria masculina e, de forma específica, os cargos de maior prestígio social são ocupados por homens (ainda que estes tenham uma formação aquém das mulheres). Às mulheres cabe a área da Educação, Humanidades e às Artes, enquanto os homens ocupam as Ciências Sociais, Engenharias e Direito. A pesquisa realizada pela professora Carolina Araujo (2019) especificamente sobre a área da filosofia, mostra que as mulheres são, em média, 36,44% dos graduandos, 30,6% dos mestrandos, 26,98% dos doutorandos e 20,14% dos docentes de pós-graduação. Ora, o que justifica esta decrescente participação feminina na filosofia? Por que as ingressantes da graduação não chegam ao topo da carreira acadêmica, que seria a docência de pós graduação? Por que a palavra “filósofa” ainda não é reconhecida pelo programa word, que sugere a correção automática para “filósofo”?

Colocaram-nos em um não-lugar. Todos se sentem no direito de dizer o que nós, mulheres, devemos ou não fazer. Não temos a liberdade de sermos quem quisermos ser, vivemos em um sistema em que nos é imposto como devemos ser e como devemos nos comportar.

“O Não-ser assim construído afirma o Ser. Ou seja, o Ser constrói o Não-ser, subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do Ser pleno: auto-controle, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização No contexto da relação de dominação e reificação do outro, instalada pelo processo colonial, o estatuto do Outro é o de “coisa que fala”. (CARNEIRO, 2005, p. 99)

Esse não-lugar é marcado por uma incompletude do ser, um não pertencimento de si como sujeito capaz de produzir conhecimento válido. Grada Kilomba nos aponta que:

“Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar.” (KILOMBA, 2019, p. 53-54).

Ainda hoje, em pleno século XXI, estamos analisando planos de ensino de universidades e escolas que não incluem mulheres filósofas em suas bibliografias. Ainda hoje, enquanto escrevemos estas linhas, mulheres como nós, e tantas outras, não fazem parte dos planos de ensino, não fazem parte das universidades, não fazem parte da política. Escolheram o não-lugar como lugar fixo e permanente para nós, mulheres, e a situação ainda piora quando são mulheres negras, indígenas, lésbicas ou trans. O que devemos fazer para isso não ser mais a norma, para isso não ser mais aceito? Um dos caminhos é não se calar diante dessas situações de subalternidade. Mas não se calar é difícil quando até a fala nos foi negada. Grada Kilomba em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, nos diz sobre a impossibilidade de sujeitos subalternos falarem, nesse caso ela se refere ao contexto de mulheres negras, que estão numa posição de marginalidade e silêncio que o colonialismo prescreve (KILOMBA, 2019).

Compreendemos, em conformidade com Davis (2013) e Collins (2012), que a opressão de gênero não atinge igualmente todas as mulheres, sendo ainda mais severo em relação às mulheres negras. Pensando nesta interseccionalidade (DEIFELT, 2015) e no papel fundamental das teóricas negras no feminismo contemporâneo, utilizamos, em nossa pesquisa, duas chaves de análise: mulheres, mulheres negras e não-brancas.

#### **4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Na reelaboração dos PPCs dos Cursos de Filosofia da UFCA, nos últimos anos, o Núcleo Docente Estruturante discutiu muitas questões relativas ao Ensino e Pesquisa da Filosofia no Cariri, no Ceará, no Brasil e no mundo. No entanto, não refletiu sobre a necessidade de enfrentar a desigualdade de gênero e de raça. Em geral todas e todos professores se formaram em Universidades em que as filósofas eram pouco ou nada estudadas. Reproduziram, então, este padrão nas ementas e bibliografias das disciplinas.

Entretanto, um coletivo de estudantes (Coletivos Mulheres Filósofas do Cariri) iniciou um grupo de estudos sobre filósofas da história da filosofia, provocando docentes e discentes a questionarem a naturalização do silenciamento das mulheres no currículo. Em consonância com outros projetos de pesquisa, extensão e cultura em mais de cinquenta instituições de ensino superior pelo país, que estão reunidos na Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, e com projetos internacionais, como o Centro de História de Mulheres Filósofas e Cientistas, em Paderbom, na Alemanha, além de diversas publicações recentes (HUTCHISO, K & JENKINS, F. 2013), este coletivo nos convida a repensarmos nossa prática. Para fazer isto de maneira fundamentada e programática, realizamos esta pesquisa.

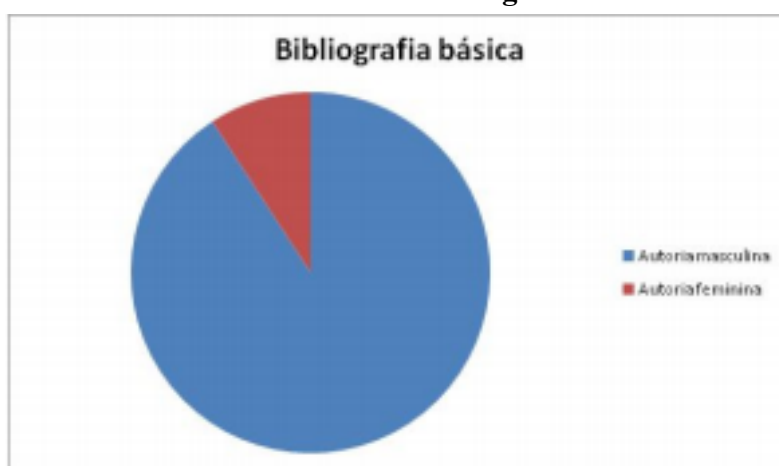
Como resultado parcial da análise do PPC do curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri, chegamos aos seguintes dados:

- O PPC contém 31 disciplinas obrigatórias, além de disciplinas optativas, as quais os

estudantes têm a liberdade de cursar de acordo com seu interesse pessoal, e as disciplinas livres, que podem ser realizadas em outros cursos.

- Cada disciplina apresenta uma bibliografia básica sugerida, que é elaborada pelo colegiado do curso, de modo a melhor inserir o estudante dentro da proposta da disciplina.
- As 31 disciplinas obrigatórias somam um total de 128 obras em suas bibliografias básicas. Uma análise discreta destas obras comprova que 115 obras são de autores homens e apenas 13 obras são de autoria feminina. Isso corresponde a 10,15%.
- Existe uma dificuldade de lançar um olhar interseccional quanto a raça das autoras, porque, ao pesquisar seus nomes em sites da internet, de algumas delas não aparecem fotos que permitam tal análise.
- No tocante à bibliografia complementar das disciplinas obrigatórias do PPC, 224 obras são sugeridas, sendo 174 de autores homens e 31 de autoria feminina. Isso representa um contingente de 13,83%, das quais apenas 1 podemos confirmar ser uma autora não-branca e as demais não pudemos confirmar com exatidão, conforme relatado acima.

**Gráfico 1 - Análise de bibliografia básica**



Fonte: PPC curso de Licenciatura em Filosofia da UFCA.

**Gráfico 2 - Análise de bibliografia complementar**



Fonte: PPC curso de Licenciatura em Filosofia da UFCA

Como desdobramentos, a partir da presente pesquisa, participamos da organização,

em dezembro de 2020, da X Semana de Filosofia e seu Ensino da Universidade Federal do Cariri, juntamente com o Coletivo Mulheres Filósofas do Cariri e outras e outros estudantes e professores. O evento teve como tema “As Mulheres na Filosofia”.

Quando, na primeira reunião do colegiado do curso a fim de pensar o evento, foi proposta a temática das mulheres, houve muita resistência por parte dos professores presentes, que justificaram que suas pesquisas atuais não seriam contempladas dentro desta temática. Tal resistência só confirma e justifica a importância desta pesquisa, porque se os próprios docentes não têm abertura nem disponibilidade para apresentar à comunidade acadêmica uma mulher dentro de sua área de estudo, como os estudantes em formação terão esta visão? Como as estudantes de filosofia se sentirão representadas dentro da academia?

Apenas após uma reunião muito extensa e de uma vontade e convicção muito forte de nossa parte em contestar todas as posições contrárias à temática que propomos, mostrando a importância da mudança de postura que tem que existir primeiramente na academia, que é um ambiente de formação, e argumentando que uma Semana de Filosofia poderia proporcionar aos estudantes, e também aos professores, conhecerem ou se aprofundarem na existência de obras de autoras mulheres que falam sobre todas as áreas ou temas da Filosofia, é que o colegiado do curso cedeu e acatou a proposta.

Também, como parte deste movimento de promover o estudo de autoras mulheres, iremos ofertar, no primeiro semestre de 2021, uma disciplina eletiva de Vivências Poéticas na EEMTI Presidente Geisel, em Juazeiro do Norte – CE, onde a proposta é apresentar interlocuções entre poesia e filosofia, através de textos de autoria de mulheres, preferencialmente negras e brasileiras.

A longo prazo, em próximas etapas deste projeto, pretendemos acompanhar o que estas ações e mudanças nos currículos refletem em termos de acesso, manutenção e graduação de estudantes mulheres nos cursos de Filosofia, bem como de sua satisfação com a carreira escolhida.

#### **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade Federal do Cariri pelas bolsas concedidas que nos permitiram nos dedicar à presente pesquisa.

#### **REFERÊNCIAS**

ARAUJO, Carolina. (2019) **Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017**. Cadernos De Filosofia Alemã:

Crítica e Modernidade, 24(1), 13-33. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/155750/154195>. Acesso em 20 fev. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005, p. 96-124. Disponível em:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf> Acesso em: 14 fev. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. (2012). **On Intellectual Activism**. Philadelphia: Temple University Press.

DAVIS, Angela. (2013). **Mulher, Raça e Classe**. Tradução Livre. Plataforma Gueto. 2013.

DEIFELT, Wanda. (2015). **A luta contínua: Interseccionalidade como Lente Epistemológica**. In.: Coisas do Gênero, São Leopoldo, v.1 n. 1, p. 05-20, jul.-dez. 2015 Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2478/2334> Acesso em: 21 fev. 2021

GASPAR, Adília Maia. **A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet**. Rio de Janeiro: Uapê SEAF, 2009.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HUTCHISO, K & JENKINS, F. **Women in Philosophy: what needs to change**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORD, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MÉNAGE, Gilles. **Historia da las Mujeres Filósofas**. Barcelona: Herder Editorial, 2009.

PUGLIESE, Nastassja. **Filosofia, substantivo feminino**. ANPOF, 2020. Disponível em: <http://anpof.org/portal/index.php/pt-BR/comunidade/coluna-anpof/2500-filosofia-substantivo-feminino> Acesso em: 10 fev. 2021.

UFCA, Prograd. **PPC do Curso de Licenciatura em Filosofia**.

VENTURINI, Anna Carolina. **A Presença das Mulheres nas universidades Brasileiras: um panorama de desigualdade**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th Women's Worlds Congress - 2017, Florianópolis, SC, 2017. **Anais Eletrônicos** ISSN 2179-510X. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828\\_ARQUIVO\\_AннаCarolinaVenturini\\_Texto\\_completo\\_MM\\_FG.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828_ARQUIVO_AннаCarolinaVenturini_Texto_completo_MM_FG.pdf). Acesso em: 19 fev. 2021.